

Autor:

Vítor Serrão

Título:

Francisco Venegas, 'pintor de bravo talento', expoente do maneirismo português (C. 1525-1594)

Resumo:

A comunicação pretende reavaliar a personalidade de Francisco Venegas, pintor régio de Filipe II (I de Portugal) por nomeação de 1583 e, seguramente, o mais notável dos artistas que actuam em Portugal durante o Maneirismo. Venegas era sevilhano e aprendeu a arte de ourivesaria antes de abraçar a actividade pictórica; discípulo de Luís de Vargas em Sevilha, passou por Roma em momento incerto, que lhe permitiu ver obras de Bartolomeu Spranger e de Hans Speckaert, e estabelece-se de seguida em Lisboa, onde já estava instalado em 1578, vindo a falecer na capital portuguesa, cumulado de honrarias, cerca de 1594. Félix da Costa Meesen elogia o seu «espírito mui levantado em suas ideias», que corresponde a uma requintada cultura erudita, recortada de experiências em viagens e estudo das grandes obras, numa postura que lembra (notou-o já Adriano de Gusmão) o espírito refinado de Rosso e Primaticio em Fontainebleau, e é similar às pesquisas de Mateo Pérez de Alessio em Sevilha, de Benedito Rabuyate em Valladolid, de Pietro Morone em Zaragoza, de Pablo de Céspedes em Granada e mesmo de Rómulo Cincinato no Escorial e em Guadalajara. Medidas as distâncias e os contextos, Venegas parece ser melhor pintor que os citados, precisamente por esse espírito mui levantado em se organiza o seu repertório pessoal, feito de citações miguelangelescas e perinescas e de uma apetência para cultivar a sensualidade sprangeriana, além de explorar as contribuições neo-rafaelescas (de Perino del Vaga a Giorgio Vasari a Raffaellino da Reggio), através de modelos figurativos e de um estilo de modelação absolutamente originais.

A notável obra deste pintor régio do Cardeal-Rei D. Henrique e de Filipe I, que representa o clímax da pintura maneirista em Portugal, justifica uma revisão atenta e uma revalorização que, em boa verdade, ainda não justificou. Autor de tábuas e desenhos alinhados pela bella maniera italianizante nas suas curvas de maior sensualidade e irreverência e com notável qualidade de desenho, Venegas - que, segundo Félix da Costa Meesen, costumava dizer «dadmelo debuxador que yo te lo daré pintor», assim definindo a sua verdade da Pintura, assente no primado do disegno - mostra busca deliberada dos efeitos de tensão corpórea, num processo de pesquisa pessoal que encontra exemplos imponentes na Santa Maria Madalena desnuda da igreja da Graça em Lisboa, nas Alegorias Virtuosas do tecto da capela do Anjo São Rafael (irmandade de ourives de ouro sediada na Graça), no tecto perspectico de S. Roque (c. 1584-88) ou no retábulo da igreja da Luz de Carnide, onde a Alegoria à Imaculada Conceição (c. 1590) atesta um gosto pelas linhas sinuosas e a tactibilidade dos valores, num sábio discurso onde a irreverência das formas rima sem contradições com a eficácia contra-reformista. Venegas foi, segundo assevera o tratadista Francisco Pacheco, educado na oficina sevilhana de Luís de Vargas (falecido em 1567), um discípulo do famoso Perino del Vaga que introduzira na Andaluzia o gosto pela grande maneira fresquista romana, depois de estadear em Roma e talvez em Génova com o seu mestre e ajudando-o, segundo defende Nicole Dacos, nas luxuriantes decorações do palácio dos Doria. A formação de Venegas, à luz destes conceitos de beleza idealizada e pulsão das linhas corpóreas, a partir da lição de Vargas, encontra a sua razão de ser nessa busca pelos gestos fervilhados, pulsões da carne, tónus agitado das cenas. Atesta-se, agora, que passou por Roma, com o seu mestre sevilhano, o que explica a ousadia das opções estéticas depois tomadas em Lisboa: largueza de modelos, inspirados nas poderosas receitas do disegno de Perin del Vaga e Tibaldi, efeitos fantásticos de contra-luz, tensões de corpos espelhando intensa carga emotiva, ousadias sensuais que afirmam prazer e desejo, figuras em arrojados de contrapposto e tensões de serpentinato ao gosto anticlássico. Nas pinturas

do tecto da capela do Anjo Rafael na Graça, a Alegoria à Verdade e a Alegoria à Religião, na sua nudez descomposta e cortesã, aproximam o gosto do artista dessa tensão para-erótica que palpita também no desenho O Amor Divino castigando a Fortuna (M.N.A.A., invº nº 667) e na Eva neo-platónica que surge, em pose serpentina, na *Alegoria à Imaculada Conceição* da igreja da Luz.

A pintura de Venegas é, de um modo geral luminosa, brilhante, solta de mancha e requintada no desenho -- ressonância de um rebelde temperamento, «de espírito muy levantado em suas ideias» conforme o descreve um século depois o tratadista Félix da Costa Meesen. Marca, pelo seu debuxo rigoroso e livre, uma linguagem de plena adequação ao renovador sentimento espiritual que se experimentava com o caminhar para o final de Quinhentos com as teses de São Carlos Borromeu e do Cardeal Gabriele Paleotti, de tão grande influência no curso da evolução das artes imagéticas postas ao serviço da Reforma tridentina. Erotismo e decorum andam, em Venegas, de mãos dadas. Trata-se, como começa a ser percebido, de um dos mais notáveis artistas peninsulares da segunda metade do século XVI.